OS DESENHOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS

ROSANA MARTIN DOS SANTOS

RESUMO

O trabalho traz como o foco a importância do desenho como uma arte na vida das crianças no desenvolvimento cognitivo, tratando-se de uma técnica pedagógica, a respeito de um conjunto de atividades humanas onde desenvolve a criação de um mundo figurativo. A finalidade deste trabalho é pautar como os desenhos podem contribuir para as construções dos conhecimentos, ao desempenhar atividades artísticas e cooperar com as matérias tituladas fundamentais, em que podem ser trabalhadas através de várias formas agradáveis a partir de uma linguagem apropriada exigindo o auxílio das mãos. Os resultados encontrados foram o desenho já que é uma forma das crianças terem uma comunicação e uma expressão de seus sentimentos, tendendo ainda que não possam expô-los por meio da linguagem oral e escrita. Vale destacar que o contexto cultural e social de cada criança exerce influência direta na maneira como os desenhos são produzidos e interpretados. As referências visuais presentes na prática artística refletem, muitas vezes, os valores, crenças e tradições do grupo social ao qual a criança pertence. Por essa razão, é fundamental que os educadores considerem as especificidades culturais e promovam um ambiente escolar inclusivo, que valorize a diversidade e incentive a expressão individual. Esta abordagem contribui para a construção de um ambiente pedagógico mais sensível e receptivo às diferentes formas de manifestação, fortalecendo a identidade cultural de cada aluno. Portanto a partir do que foi corroborado no trabalho conclui-se que é possível ter a certeza que o desenho tem verdadeiramente sua importância no processo de construção e desenvolvimento das crianças, ao promover a integração entre aspectos motores, emocionais e cognitivos, a atividade do desenho transforma-se em um poderoso recurso pedagógico, capaz de estimular o pensamento crítico e a criatividade dos alunos. Cabe, portanto, aos educadores reconhecer a importância dessa prática e incorporá-la de maneira estratégica em seus métodos de ensino, contribuindo para a formação de indivíduos mais críticos, autônomos e aptos a enfrentar os desafios contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho. Expressão. Desenvolvimento cognitivo.

INTRODUÇÃO

A análise sobre o desenvolvimento cognitivo através do desenho traz luz a importância a tal tema, sendo uma técnica pedagógica importantíssima, tratando-se de um conjunto de atividades humanas no qual desenvolve a concepção figurativa do mundo, no qual é possível ser realizadas de maneiras cheias de linguagens elaboradas, com a aptidão em detectar determinados características do desenvolvimento das crianças, dessa forma torna-se uma ferramenta que representa as percepções e concepções das crianças no ambiente no qual a mesma permanece inserida, corroborando a seriedade dos desenhos no aprimoramento cognitivo.

O artigo avalia de quais formas os desenhos podem colaborar para as constituições dos conhecimentos, no instante que exercer as práticas artísticas e contribuir com as matérias designadas essenciais, no qual é possível serem exploradas por diversas maneiras agradáveis por meio de linguagens adequadas demandando o auxílio dos olhos, das mãos, e instrumentos, submergindo o grupo potencial dos indivíduos.

Tratando-se das mais imprescindíveis maneiras de expressão das crianças no qual ainda não dominam as linguagens escritas, que através de riscos e ao desenhar múltiplos movimentos, procure o domínio do seu próprio corpo, tendo a aptidão de desempenhar habilidades por meio da mesma que acarretará no desenvolvimento dos níveis cognitivos e afetivos, trazendo como finalidade uma alfabetização prazerosa, exercitando a coordenação motora e sua aptidão de concentração e atenção onde virá a ser exercitado nos âmbitos escolares.

As escolas se tratam de espaços preparados para beneficiar o aprimoramento dos processos explorando e experimentando, apre-

ciando a imaginação e o descobrimento do desenho sendo uma atividade escolar, visto que a partir do momento que o educando esboça seu desenho ele institui concepções do mundo onde encontrar-se inserida apreciando o novo, consentindo a construção e reconstrução de seus pensamentos.
Este trabalho tem um caráter descritivo, guiado através de uma análise bibliográfica com abordagens qualitativas. Assim além disso traz como desígnio o desenho e sua importância para o desenvolvimento cognitivo e, portanto, beneficiando a abrangência do desenho na vida escolar e na infância, e assim contribuir para futuros estudos.

DESENVOLVIMENTO

O desenho infantil se estabelece como um assunto de diversas avaliações de muitos pesquisadores, e foi apenas em meados do final do século XX que o interesse por ele passou a ser notado por alguns teóricos em várias áreas distintas do conhecimento. O desenho é uma maneira das crianças possuírem uma comunicação e uma expressão de seus sentimentos, propendendo embora não poder expô-los através da linguagem oral e escrita (Salvador, 1988).
Sendo assim, a arte na etapa infantil, vai muito além de um entretenimento, é um entendimento expressivo das crianças, através delas mesmas, é a escolha de tais aspectos em que elas vivem, com os quais ela se identifica. Isso porque a arte oferece a elas uma ampla opção de possibilidades, sendo extremamente fundamental para o seu sucessivo processo de desenvolvimento perceptual e emocional (Iavelberg, 2013).
Segundo Mèredieu, (2006, p. 2), os estudos a respeito dos desenhos ampliaram-se e as áreas que no qual se favoreceram através dessa expansão foram a Pedagogia, Psicologia, a Sociologia e a Estética.
A contar desde então, tais entendimentos apresentaram uma ampla alteração devido a forma que os desenhos infantis eram enfrentados, como "malogros" ou "fracassos", visto que eram vistos como uma etapa banal de preparativo para a arte adulta. "[...] o aparecimento do que se chama arte infantil foi condicionado pela evolução das técnicas gráficas e plásticas e pela difusão cada vez maior do papel e do lápis, ocasionada pela baixa do custo de fabricação desses produtos" (Mèredieu, 2006, p. 4).
As crianças no século XIX apenas podiam criar seus desenhos quando lhe eram oferecidos materiais e instrumentos. Ao decorrer de um longo período, cada vez mais tornou-se o papel um produto caro, e várias delas não possuíam condições de ter tais suportes e, devido a isso, tinham que se satisfazer em escrever na areia. Ao decorrer dos períodos, cada vez mais os desenhos evoluíram com a ajuda de materiais e instrumentos modificados para o público infantil, por meio do surgimento de canetas hidrográficas, sobretudo nas escolas do maternal, e com o aparecimento do grafismo, empregando-se várias cores (Souza, 2013).
De acordo com (Moreira, 1997, p. 28) que "a criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca. É um jogo de exercício que a criança repete muitas vezes para certificar-se do seu domínio sobre aquele movimento". A atuação de tal movimento trata-se de um rabisco que é impossível de ser entendido pelos adultos e que é a denominado de "garatuja".
Em tal etapa o desenho não possui compromisso com a representação de qualquer espécie. Através dos prazeres dos gestos, as crianças deixam suas marcas, por meio da conquista do controle de suas mãos utilizando os instrumentos. (Iavelberg, 2013, p. 102).
Em tal contexto, o trabalho dos educadores incide em ter conhecimento de como a criança aprende e se desenvolve nesse âmbito de forças nas distintas culturas, como além disso incumbe à escola oferecer oportunidades no ensino dos vários campos do conhecimento. É necessário incentivar o lado criativo das crianças para que elas desenvolvam sua aptidão desenhista (Mèredieu, 2006).
Em tal contexto, é possível notar o desenho como uma maneira usada através da criança para expressar de forma concreta o conhecimento a respeito do ambiente que está em torno, sendo além disso um recurso nas mãos dos professores, para que unido a distintas informações, siga o desenvolvimento cognitivo infantil. Ao construir do mundo real imagens, explanada o que sabe diante do objeto simulado, tendo a possibilidade de construir seus conceitos na procura dessas representações da realidade (Souza,

2013).
Entre os vários pretextos a serem questionados, um deles trata-se do bloqueio emocional que determinados indivíduos inventam em seu ambiente, no qual a carência de motivações para colocar em pratica atividades e a ausência de envolvimento com objetos é detectada por meio do desenho. Escrever a respeito do desenvolvimento cognitivo das crianças da educação infantil é muito importante visto que há distintas ideias em relação ao que seja o processo de desenvolvimento e além disso de aprendizagem (Mèredieu, 2006).
O procedimento de desenvolvimento vai alterar de criança para criança uma vez que é singular estando sujeito das circunstâncias de interações dessas crianças com seu meio, derivando na constituição de suas estruturas cognitivas. A educação infantil compreende dois períodos imprescindíveis e o que as crianças passam para que tenham um adequado desenvolvimento são eles os períodos sensório-motor e o pré-operatório (Iavelberg, 2013).
Por meio das criações artísticas as crianças desenvolvem distintas sensações que ao colocar em pratica as atividades, vão usar materiais que favorecem o desenvolvimento cognitivo infantil, sem contar que permite várias sensações táteis, auditivas, visuais e alifáticas que bancam como artificio incentivador, onde a criança irá elaborar conforme as suas conclusões próprias ao empregarem o material oferecido (Salvador, 1988).
Os professores poderão realizar perguntas aos alunos no período do desenvolvimento da atividade, a respeito do que sentem quando manuseiam, se aquilo possui cheiro, se faz barulho, se dá para amassar, dobrar ou rasgar e escrever a percepção de cada aluno. Para aprimorar noções pertinentes às características dos distintos objetos e suas possibilidades de transformações, os professores podem alocar vários materiais e itens na sala, dispostos de maneira compreensível, objetos que façam sons, como chocalhos de diversos tipos, livros, almofadas e materiais para construção que possam ser empilhados e sobrepostos.
Assim sendo dispor vários materiais com terra, área, farinha etc... que após serem baralhados entre si passam por processos de transformação acarretando resultados desiguais, oferecendo às crianças interessantes experiências. Posteriormente a esta experiência os educandos podem gradualmente desenvolver uma percepção interligada do próprio corpo através de sua utilização na concretização de algumas ações relacionadas ao dia-a-dia (Mèredieu, 2006).
As percepções dos elementos que fazem parte da paisagem do ambiente no qual vive é uma aprendizagem essencial para que as crianças possam desenvolver uma abrangência cada vez mais extensa da realidade social e natural e das maneiras de nela interferir. O desenho traz benefícios para que as crianças coloquem em pratica suas habilidades motoras e desenvolva a sua imaginação (Iavelberg, 2013).
E por meio de riscos e a utilização de vários movimentos, que a criança procure o controle do seu próprio corpo, dando a possibilidade de uma autonomia maior no contato com objetos no período da exploração de seus desenhos. Pertence aos professores a responsabilidade de estimular o desenvolvimento dessas atividades, trazendo para à criança espaço satisfatório que permita o aumento dos seus movimentos.
Cada vez mais as coordenações motoras das crianças vão sendo aprimoradas, e instituindo determinada facilidade para manipular os instrumentos utilizados o pincel e o lápis, transformando o contato com os mesmos mais firmes em meio aos dedos. De maneira gradual as crianças passam a rabiscar, suas garatujas passam por uma repaginada, com pertinências de acepções (Souza, 2013).
As crianças dão início ao momento de dar denominação às garatujas, aprimorando a coordenação motora assim como a linguagem oral, no qual em tal ocasião se depara em desenvolvimento até bem antes da linguagem escrita gradativamente, as crianças vão mentalmente se desenvolvendo e aperfeiçoando a sua coordenação motora (Iavelberg, 2013).
Nos seus respectivos esboços as linhas fecham, passando a existir definidas formas que a mesma vai interpretando, as escolas precisam ser um ambiente preparado para beneficiar o aprimoramento dos procedimentos cognitivos, emocionais, psicomotores, perceptivos e sociais das crianças

por meio da exploração e experimentação (Mèredieu, 2006).

Sendo assim, o desenho convém como ferramenta utilizada por meio das crianças para retratarem o conceito sociocultural onde está situada, sendo um modo de reproduções de ocorrências de suas vidas sociais e políticas. Ao unir o desenho elaborado através das crianças com anotações é possível embolsar instrumentos de compreensões das influências do meio social externo à escola, assim de quais maneiras as crianças notam tanto os conjuntos históricos quão o social (Souza, 2013).

No momento que as crianças desenham, elaboram pontes atreladas ao mundo real e o imaginário, demonstrando as suas compreensões e assimilações do mundo onde está inserida. Sem contar que, os desenhos consentem às crianças retratarem em dimensões diferentes, suas experiências pessoais pela procura da própria identidade (Mèredieu, 2006).

Por meio dos desenhos as crianças apreendem maneiras de falar coisas, e podem ser utilizadas como valiosos instrumentos no cotidiano dos professores que ao interpretá-los, podem alcançar resultados que irão promover o desenvolvimento e a aprendizagem nas salas de aula, visto que diversos empregam o desenho como um modo de embolsar tempo e manter as crianças distraídas, o desenho pode ser usado a partir do instante que passou um desígnio como encontrar plausíveis problemas. (Iavelberg, 2013).

No período da infância, a arte de desenhar acontece naturalmente e não precisa ser colacionada a técnicas do adulto. Deste modo os conceitos individuais que aconteceram durante o desenho vão estar muito sujeito da no qual o indivíduo encontrar-se inserido (Moreira, 1984, p. 20).

Tal espontaneidade acontecerá de maneira positiva a partir do momento que a criança sentir vontade e não se sentir pressionada em realizar alguma coisa no qual a mesma não deseje fazer, uma vez que, esboçar não se trata de uma ação imediata, já que é indispensável concentrar-se e ligar o mundo ao seu redor para apenas deste modo decodificar o que foi essencial e remoldar os desenhos. A contar das criações artísticas as crianças desenvolvem múltiplas sensações (Mèredieu, 2006).

Ao realizar atividades, utilizam materiais que chegam a beneficiar o desenvolvimento das percepções infantis, sem contar que consente várias sensações táteis, auditivas e visuais, que servirão como recursos motivadores, no qual as crianças vão produzir conforme suas próprias conclusões ao usarem os materiais oferecidos. Deste modo, para que seja possível que o professor identifique o desenvolvimento da criança, seja ele cognitivo, perceptivo, emocional, psicomotor e social, o desenho é usado (Mèredieu, 2006).

O desenho trata-se de uma das manifestações expressivas mais antigas que o ser humano já viu. As pinturas deixadas através dos homens da idade paleolítica e neolítica chamadas rupestres são modelos das suas características expressivas. Os indivíduos dessa época apresentam em comum o facto de não se preocuparem com o requinte das suas técnicas, contudo, com as suas representações expressivas (Iavelberg, 2013).

As representações expressivas destacam-se por consentir as expressões de sentimentos e emoções a favor da representação da realidade. Em tal contexto, o desenho significa para a criança uma maneira de expressar tudo o que pensa e sente, no qual demonstra as suas paixões, medos, afetos, dentre outros, estados emocionais e sentimentais (Sousa, 2003).

Conforme Piaget, (1961), a exteriorização da personalidade é a expressão, coloca-se em pratica por meio de jogos simbólicos, agradando os anseios e as precisões particulares de cada indivíduo. A expressão é pessoal e intima, isto é, não se deve ser pública, muito menos para comunicar alguma coisa para alguém e além disso serve para contemplar. Por esse motivo, no instante que a criança se expressa por meio dos desenhos, é possível averiguar que a mesma demonstra interesses nas suas realizações, deixando de lado esse interesse após ter finalizado, embora do desenho ainda ser fundamental para ela, deixa diretamente de lhe interessar. Visto que, a criança se expressa por meio do prazer e através da necessidade que possui de se expressar, não trazendo preocupações com os juízos técnicos e estéticos que poderão passar a existir da precisão de analisar

ou interpretar o seu desenho (Souza, 2013).
A expressão propende a modificar de individuo para indivíduo, já que o conjunto social, cultural e educativo além disso é diferente (Sousa, 2003). Por esse pretexto, a partir do momento que a criança faz um desenho, o conteúdo simbólico que simula, está sujeito absolutamente das razões das mesmas e da sua atuação cognitiva, no período em que o coloca em pratica.
O que por conseguinte implica, onde sua expressão e o seu teor simbólico, seja diferente, de uma criança para outra, não consentindo generalizações nas interpretações dos seus desenhos, sem contar que a criança modifica muitas vezes de simbolização para demonstrar as mesmas emoções. Para podermos interpretar o desenho da criança, é preciso ter a dedicação de um tempo, prestando atenção a maneira como o apresenta e realiza os movimentos, sem haver interferência, interrogando a respeito do que o mesmo está a desenhar (Iavelberg, 2013).
Possui uma função muito importante a interpretação uma vez que compreende a criança em si e não o seu desenho, para concretizar um estudo psicológico de uma criança por meio dos desenhos é indispensável observar vários de desenhos, apenas um não chega, estes precisam ser acompanhados de uma análise às verbalizações das crianças mencionadas no período da produção, como salienta (Arnheim, 1998).
Sobretudo uma vez que o mundo fantasmático da criança, isto é, sentimentos, fantasias, conflitos e emoções, só são acessíveis a contar de deduções e reconstruções, atreladas às peculiaridades dos seus esboços. Um número mais amplo de informações recolhidas permitirá, que o professor possa de uma maneira melhor compreender seu aluno desde aptidões até as suas limitações (Salvador, 1988).
Já que as crianças não desenham simulando a realidade visualizada, contudo a exteriorização do seus ser, incube mais ao psicólogo, sem retirar essa responsabilidade do professor, intender os conhecimentos daquelas crianças por meio do desenho. Pertence ao professor sugerir e oferecer às crianças as melhores condições possíveis para que elas sejam livres para se expressar por meio dos desenhos, e sempre estimulando-as e amparando-as (Sousa, 2003).
De acordo com Moreira, (1984), os desenhos são como locução para as crianças, que se comunicam e registram suas falas, além disso desenha também para escrever. Além disso é destacado pela autora, a partir da atitude de desenhar a criança constrói um mundo, jogos, silenciosos ou barulhentos, contendo ou não comentários, destacando tudo o que a criança para brincar desenha.
Para Salvador, (1988) o mesmo refere-se que ao desenhar a criança inventa ambientes e personagens onde vivem aventuras, aloca os seus sentimentos e os seus anseios no seu desenho, salientando que não é necessário solicitar ou falar para criança para desenhar, isto precisa ocorrer espontaneamente. Comprova-se que há distintos modelos de desenhos, estes podem ser classificados por desenho de memorização, desenho de observação, e desenhos criativos.
Os desenhos de memorização, como o próprio nome já diz realiza-se com fundamento na memória da criança, o de observação é concretizado a partir do momento que a criança vê um objeto e simultaneamente o desenha, o criativo pode ser livre ou dirigido/orientado. O desenho livre a criança desenha com fundamento na sua criatividade e imaginação, no dirigido/orientado, o adulto expõe um tema para a criança no qual ela irá desenhar (Salvador, 1988).
No orientado, embora a criança faça a sua criação de modo livre o seu desenho, é sempre incentivada através do professor. Ao realizar o seu traço inicial, começando através de um lápis e iniciando a riscar um papel, a criança desenha (Sousa, 2003).
Devido as regras dos adultos, não avaliam as suas verdadeiras motivações, sentimentos ou pensamentos. A contar do momento no qual desenha ou garatuja, as crianças se deparam que há relações dentre o que a sua visão ordena, o que os seus braços colocam em pratica e o que continua desenhado no papel. Nessa etapa verdadeiramente, o que importa é o movimento que desempenhou e não o desenho que criou em pratica (Souza, 2013).
Por esse motivo, não sente precisão de nomear o seu traçado, a partir do instante que o adulto começa a interferir, o desenho começa a ter mais seriedade que o movimento

no qual lhe deu origem. O que aloca a criança em uma colocação desconfortável, porque a mesma já tinha confiança em si mesma, por causa do facto de conseguir controlar os seus movimentos consoantes a sua vontade e agora necessita se preocupar com o que irá desenhar, considerando-se a análise dos adultos (Sousa, 2003).

Um dos erros principais realizados pelos adultos é tomara frente para ensinar as crianças a desenhar, propendendo demonstrar às crianças a sua expectativa do que elas possam desenhar. As crianças de boa vontade tentam desenhar, como o adulto, contudo, não consegue, pois os seus traços acabam por desagradando os adultos e às próprias crianças, acarretando-lhes assim as frustrações e sensações de incapacidade (Arnheim, 1998).

Assim acaba perdendo a espontaneidade e a criatividade expressiva, deixando de maneira gradual o desenho, tais elementos são signos ou figuras esquemáticas que fazem parte do seu vocabulário plástico e passam a existir em diversas etapas do seu desenvolvimento, a partir do momento que forem mais admiradas pelos adultos mais vezes serão empregadas (Sousa, 2003).

Sem contar, que as crianças tendem a solicitar auxílio do adulto para desenhar alguma coisa que tem dificuldade. Em grande parte das vezes, não necessita de auxílio somente encontrar-se interessada em estreitar as suas relações afetivas com o adulto. Este nunca necessitará intervir no desenho, já que se o fizer terá a possibilidade de inibir a criança, limitando a sua criatividade e a sua liberdade de expressão, assim como afetar na autoestima, autonomia e motivação (Iavelberg, 2013).

Os desenhos representam uma importante ferramenta no desenvolvimento cognitivo das crianças e têm sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Ao materializar pensamentos e sentimentos, o ato de desenhar não só aprimora a coordenação motora fina, mas também estimula o pensamento abstrato, a resolução de problemas e a criatividade. Dessa forma, os educadores encontram nos desenhos um recurso didático capaz de complementar o processo de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento global dos alunos.

Nesse sentido, o desenho atua como um instrumento que possibilita a externalização das ideias, permitindo às crianças representar o mundo que as cerca de forma simbólica e concreta. Essa externalização facilita a articulação entre linguagem verbal e visual, contribuindo significativamente para a evolução do pensamento lógico e da capacidade crítica. Assim, as atividades de desenho podem ser integradas ao currículo escolar de forma a fomentar o desenvolvimento cognitivo e socioemocional (Iavelberg, 2013).

O ambiente no qual as atividades artísticas são realizadas exerce papel crucial na promoção de um espaço seguro para a expressão individual. A prática do desenho permite que as crianças explorem livremente sua imaginação e criatividade, proporcionando-lhes a oportunidade de experimentar novas formas de expressão sem o temor de julgamentos imediatos.

Esse mecanismo de experimentação é vital para a construção da identidade e o fortalecimento da autoestima, fatores que influenciam positivamente tanto o desempenho acadêmico quanto as relações interpessoais. Portanto, a inclusão sistemática de atividades de desenho nas práticas pedagógicas pode incentivar a autonomia e a autoconfiança dos alunos (Souza, 2013).

Do ponto de vista pedagógico, os desenhos oferecem uma abordagem diferenciada de avaliação, permitindo que os educadores compreendam de forma mais abrangente o estado emocional e cognitivo de cada criança (Mèredieu, 2006).

Ao contrário de métodos tradicionais de avaliação, que muitas vezes restringem a manifestação intelectual a respostas objetivas, a prática do desenho revela aspectos subjetivos e até mesmo inconscientes do processo de aprendizagem. Dessa forma, a análise dos desenhos produzidos pelos alunos pode funcionar como uma ferramenta diagnóstica, auxiliando na identificação de eventuais dificuldades e na implementação de intervenções pedagógicas personalizadas (Sousa, 2003).

CONCLUSÃO

Propendendo tudo o que foi mencionado no presente trabalho, é possível ter a certeza que o desenho verdadeiramente possui o

seu valor no processo de construção e desenvolvimento de uma criança, que o desenho encontrar-se implantado no contexto educacional, e precisamos empregar artifícios e métodos pedagógicos característicos, graduais, reais, adequados à nossas necessidades no qual a responsabilidade do professor, é ocasionar algo expressivo, motivador, interessante, envolvente e duradouro, de modo conveniente apropriado à cada faixa etária e ao oposto, que seja moldável às necessidade dos educandos.

A finalidade do presente artigo é fundamentar uma avaliação conscientizadora, no pretexto de oferecer ideias novas para um estudo mais reflexivo para aqueles que ambicionam de fato avaliar seus alunos dentro de suas fases, não prejudicando a criatividade e sem atribuir uma grade curricular diferente do dia a dia das crianças. Compete, assim sendo, à escola valorizar os períodos de criatividade que as crianças se expressam através de desenhos, que manifestam seus conhecimentos e aprendizagens.

Deste modo, é indispensável que os professores valorizem a arte das crianças, uma vez que o desenho se compõe como um artifício articulador da prática pedagógica, para que os professores possam abranger como elas vão se desenvolvendo nesta etapa extremamente importante, fora isso, os professores precisam conhecer e compreender as fases de evolução dos desenhos, para que não ocorram nas avaliações erros das garatujas e dos rabiscos. Dessa forma é necessário que o professor apresente um sólido conhecimento do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM. Rudolf. Intuição e Intelecto. São Paulo. Martins Fontes. 1998.

IAVELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

MÈREDIEU, Florence de. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 2006

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do desenho: A educação do educador. São Paulo: Loyola, 1997.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SOUSA, A., B., (2003a). Educação pela Arte e Artes na Educação. 1º Volume – Bases Psicopedagógicas. Lisboa: Instituto Piaget.

SOUZA, M. D Ribeiro, H. C. M. (2013). Sustentabilidade ambiental: uma metanálise da produção brasileira em periódicos de administração. Revista de Administração Contemporânea, 17(3), 368-396.

SOUSA, A., B., (2003b). Educação pela Arte e Artes na Educação. 3º Volume – Música e Artes Plásticas. Lisboa: Instituto Piaget.